

CARTAS POLITICAS A UM OPERARIO

Raul PILLA

17.6.45

(Copyright dos "Diários Associados")

IV — Já examinámos, Antônio, a coluna do teu débito com a Ditadura. Vimos que a muito pouco se reduz ela. O que te foi dado e, por certo, muito mais, terias conseguido com o simples jogo do mecanismo democrático, que o sr. Getúlio Vargas destruiu abrupta e criminosamente, em novembro de 1937.

Preciso se faz agora, Antônio, verificar o que te subtraiu a Ditadura, em compensação das supostas mercês que te concedeu.

Começou ela por te despojar da liberdade: da tua liberdade de cidadão e da tua liberdade de trabalhador.

Como trabalhador, ficaste ajojado ao sindicato oficial, submetido a homens da direta confiança do governo; perdeste a faculdade de associar-te a outros camaradas de tendências semelhantes, para defesa dos interesses comuns; foste desapossado do direito de greve, que somente agora te foi restituído, não por obra do Ditador, mas graças ao movimento democrático surgido com a candidatura Eduardo Gomes. Em suma, Antônio, como operário regressaste a uma situação não muito diversa da reinante na Idade Média.

Como cidadão, Antônio, que te posso eu dizer, senão que deixaste de existir nêstes oito anos? Durante êste período, não tiveste liberdade de reunião, liberdade de manifestação do pensamento; foste inteiramente privado da faculdade de escolher os governantes e influir no meneio da cousa pública. Passaste, em suma, de cidadão de uma democracia imperfeita a súbdito de uma ditadura perfeitíssima.

Isso foi o que te roubaram: a liberdade. Já te detivêste a pensar, Antônio, no que significa esta palavra? Ela exprime a dignidade da criatura humana e resume a propria civilização.

Escravo, servo e cidadão, eis os três maiores degraus por onde subiu o homem. Tolerarias regredir à servidão, ou à escravatura? Não o creio. Por melhor que passe um escravo, é sempre um escravo, um homem que, com a liberdade, perdeu também a dignidade. Pois, então, como consentirás de bom grado em retroceder de cidadão a súbdito? Menor é, sem dúvida, a regressão nêste caso, mas, nem por isto, pouco apreciável. Com a liberdade, perdes uma parte de ti mesmo e sacrificas o melhor da tua personalidade.

A liberdade resume a propria civilização, porque esta nada mais é, Antônio, do que libertação progressiva: libertação da tirania do proprio homem e libertação do império da natureza. Com a democracia, libertamo-nos do homem; com a ciência, libertamo-nos da natureza. Por isto, os Aliados, que combatiam a tirania, proclamavam com razão estar defendendo a civilização.

Assim, Antônio, se há cousa que não possamos renunciar sem resistência, é a liberdade, uma parcela que seja da nossa liberdade. Ela é um bem inapreciável e irregatável.

Contestar-me-ás, porém, que, para ser livre, é necessário viver. Nada mais certo, Antônio. Se bem seja corrente o dito que a vida sem liberdade não vale a pena de ser vivida, nem todos têm o estôfo de heróis: a maioria prefere viver escrava, a morrer pela liberdade. Mas não se trata disto, Antônio. Não se trata de morrer, nem sequer de viver mal. A liberdade é compatível com o bem-estar material do homem. Não se trata de optar entre uma cousa e outra, simplesmente porque uma não exclui a outra. Digo-te mais: é a democracia o único regime capaz de assegurar verdadeiramente a prosperidade geral. A ditadura leva fatalmente à degradação moral e à miséria econômica.

Portanto, Antônio, tirando-te a liberdade, ficou-te a dever o sr. Getúlio Vargas o que êle de nenhuma outra forma te poderia compensar; bastaria esta única parcela negativa no balanço, para anular os benefícios que supões recebidos do Ditador. Já estás a haver, e não pouco. Em outra carta verás ser ainda muito maior o teu verdadeiro saldo credor, verás que tens sido simplesmente espoliado.